

TURISMO RURAL E PEDAGÓGICO: FERRAMENTAS DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO E RENDA

RURAL AND PEDAGOGICAL TOURISM: SCIENTIFIC KNOWLEDGE AND INCOME CONSTRUCTION TOOL

Nícolas de Souza Brandão Figueiredo¹

Ana LuizaZappe Desordi Flôres²

Eurides Araci Figueiró Gomes³

Resumo: Com este trabalho pretendemos desenvolver atividades turístico-pedagógicas com educandos de ensino fundamental 1 na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Desta fora visamos motivar educandos e educadores em um processo de ensino e aprendizagem que gere conhecimento para o educando, valorização pessoal e da cultura local. Assim, o presente trabalho trata de um relato de experiência de uma atividade de um *city tour* panorâmico, em ônibus, com paradas específicas em atrativos histórico-culturais e histórico-naturais, com objetivo de incentivar a valorização da cultura e natureza local. Dividimos os alunos, de 3º e 4º anos de uma escola privada do município em dois grupos: 1) Grupo de quarto ano - inserido em um roteiro intermunicipal, de 10 h, na Região Turística da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, região com predomínio de plantação de grãos (soja e arroz), além de agricultura familiar de subsistência. Este grupo visitou cinco cidades da com parada em 11 atrativos referentes à cultura italiana e história dos colonizadores italianos. 2) dia 2 – Grupo de terceiro ano – inserido em um city tour panorâmico de 9 h na cidade de Santa Maria, englobando um total de 20 atrativos. Com este trabalho, aqui relatado, pode-se podermos inserir alunos em atividades e espaços diferenciados

¹ Mestre em Biodiversidade Animal. Proprietário da MEI Macuco Ecotour: Turismo Rural e Sustentável. E-mail: figueiredonsb@gmail.com

² Mestre em Ensino de Ciências Biológicas. Professora na Universidade Federal de Catalão.

³ Licenciada em Ciências Biológicas. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

de suas realidades cotidianas. Ao se desenvolver atividades educacionais multidisciplinares em espaços não formais de ensino, como atividades de turismo rural-pedagógico, desenvolve-se o conhecimento científico, conscientização sócio-ambiental, passando à uma valorização humanística e ambiental e geração de renda sustentável para os produtores rurais.

Palavras-chave: ensino e aprendizagem. letramento científico. educação ambiental. interpretação ambiental. sujeito ecológico.

Abstract: With this work we intend to develop tourist-pedagogical activities with elementary school students in the city of Santa Maria, Rio Grande do Sul. This way, we aim to motivate students and educators in a teaching and learning process that generates knowledge for the student, personal appreciation and local culture. Thus, the present work deals with an experience report of an activity of a panoramic City tour, in bus, with specific stops in historical-cultural and historical-natural attractions, in order to encourage the valorization of the local culture and nature. We divided the students, from the 3rd and 4th years of a particular school of municipality, in two groups: 1) Fourth-year group – inserted in an intermunicipal itinerary, at 10 hours, in the Tourist Region of the Fourth Colony of Italian Immigration of Rio Grande do Sul, a region with predominance of grain planting (soy and rice), in addition to subsistence family farming. This group visited five cities with stops and 11 attractions related to Italian culture and the history of Italian colonizers. 2) Third-year group – inserted in a panoramic City tour of nine hours in the city of Santa Maria, encompassing a total of 20 attractions. With this work, reported here, we can insert students into activities and spaces that are different from their daily realities. By developing multidisciplinary educational activities in non-formal teaching spaces, such as rural-pedagogical tourism activities, scientific knowledge, socio-environmental awareness is developed, and humanistic and environmental enhancement and sustainable income generation for rural producers is developed.

Keywords: teaching and learning. scientific literacy. environmental education. environmental interpretation. ecological subject.

1 INTRODUÇÃO

O turismo rural é o segmento do turismo em que os turistas vivenciam atividades de experiência em práticas multidisciplinares que envolvem o contato com a natureza, atividades agropastoris, a forma de vida rural e as culturas local e regional (WORLD, 2019). No Brasil, este seguimento começou a ser desenvolvido em meados da década de 1980 e estabelecido pela Carta de Santa Maria (SANTA MARIA, 1998). Porém, somente a partir dos anos 2000 a atividade foi reconhecida como atividade econômica caracterizada como segmento turístico (BRASIL, 2010).

Esta maior visibilidade do turismo rural está ligada a dois fatores principais: 1) a necessidade dos produtores rurais em gerar novas fontes de renda e agregar valor aos seus produtos (HENZ; STADUTO; PIFFER, 2018); 2) necessidade de moradores urbanos em se desconectarem da rotina urbana, que muitas vezes gerar estresse, depressão e ansiedade, além do déficit de natureza, fazendo com que estas pessoas busquem atividades ao ar livre, com hospitalidade caseira e alimentação saudável (BRASIL, 2015). Segundo Brambatti (2019), as atividades realizadas em um roteiro de turismo rural poderão ser de recepção de grupos nas propriedades, hospedagem, alimentação, recreação e lazer; à estas podemos somar atividades como esportes de aventura e atividades de interpretação ambiental, como a observação de fauna e trilhas interpretativas e contemplativas.

Entretanto, o turismo rural pode ir muito além de apenas uma fonte complementar de renda para proprietários rurais e de lazer para habitantes urbanos. Ao unir o turismo rural com o ecoturismo, através de atividades de interpretação ambiental, o meio rural passa a ser uma fonte de ensino, conscientização e educação ambiental (LIMA; DUTRA NETO; HOLANDA, 2018). Neste sentido, a preservação e a conservação de áreas florestais, de campos nativos, lagos e banhados, mangues e praias passam a agregar valor ao produto, à propriedade rural. Desta forma, mostra-se ao proprietário que ele pode ter seu sustento de forma ambientalmente

sustentável, lucrando mais com o ambiente preservado ou conservado do que com ele substituído por monoculturas (RIBEIRO, 2018).

Por sua vez, o visitante se vê reconectado com algo maior, a natureza. Ao se reconectar com a natureza, o visitante passa a valorizá-la por conhecer suas espécies de fauna e flora, seus relevos e sítios de beleza cênica, e sentir os benefícios físicos e psicológicos do contato com o meio natural (COUTINHO; SILVA; SILVA, 2014). Assim, o turista compreende a importância da preservação e da conservação da natureza. Além disto, o turismo rural, unido com ecoturismo pode assumir outro papel de alta relevância para toda a sociedade, e não apenas para o produtor que terá sua renda amplificada ou o turista que terá uma melhora na sua qualidade de vida. Neste sentido, o turismo rural e o ecoturismo passam a ser ferramentas de ensino, passando a ser parte do segmento do turismo pedagógico.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) este é o segmento do turismo que tem como sua principal motivação a participação e a experiência do processo de ensino e aprendizagem, em que o turista, seja ele um aluno dos ensaios básicos ou não, receberão atividades de aprendizagem, melhora pessoal, conhecimento intelectual e desenvolvimento de habilidades. Este segmento irá tornar guias de turismo, monitores e condutores de trilha em ferramentas lúdicas dos docentes em espaços não formais de ensino. Desta forma, o turismo auxilia os docentes a superar os desafios do ambiente formal de ensino.

Estes desafios encontrados pelos docentes, em ambientes formais de ensino, são inúmeros, dentre eles, estão a necessidade de inovar e ousar no dia a dia, motivando os alunos a participarem efetivamente das atividades. Isso ocorre, sempre que possível, pois o conteúdo deve ser apresentado de modo mais atrativo, sendo o lúdico um recurso interessante que pode contribuir neste processo (OLIVEIRA; GASTA, 2009).

Assim, quando a ludicidade se faz envolvida no processo de ensino e aprendizagem pode facilitar a atração dos alunos pelo conteúdo a

ser estudado, sendo um fator de interesse e de motivação, tornando o educando um agente ativo, para que a aprendizagem ocorra de maneira ampla e prazerosa (FARIA; SHUVARTZ, 2010).

Ainda de acordo com Oliveira e Gasta (2009, p. 45) “o lúdico traz em seu enredo a representação da realidade (matéria, natureza) recriada metaforicamente”, assim ao trabalhar o conteúdo de forma ampla pode-se vivenciá-lo com grande satisfação. Para isto, deve-se buscar espaços que acolham estas atividades lúdicas, como espaços típicos do turismo rural e do ecoturismo, e desta maneira pode-se associar a ludicidade nas atividades às outras formas que tornam a aprendizagem mais atrativa. Desta forma, proporciona-se que ela ocorra não somente dentro da sala de aula, onde as classes e cadeiras estão enfileiradas, mas sim dando novos ares a aprendizagem, mudando sua configuração de lugares, visualizando suas atividades sob uma nova luz, “compartilhando experiências” (FARIA; SHUVARTZ, 2010, p. 10).

Jacobucci (2008) nos diz que espaço formal de Educação é a escola propriamente dita, fazendo referência àquele local onde a educação ocorre e é garantida por políticas públicas nacionais. Por outro lado, quando nos referimos a espaço diferenciado de ensino podemos afirmar, baseando-se nas palavras de Oliveira e Gasta (2009), que os espaços escolares como “laboratórios, ateliers, auditórios, bibliotecas, sala de vídeo, oficinas, hortas, jardins e cantinas,” é que podem ser consideradas como não convencionais.

O ambiente escolar não deve ser considerado como o único *locus* para a aquisição de conhecimento, pois conforme Vieira, Bianconi e Dias (2005, p. 3) “aula não-formal desperta um maior interesse no aluno” pois múltiplos saberes perpassam a realidade cotidiana. Os espaços não formais de educação, ou seja, aqueles nos quais a educação não se encontra organizada através de políticas públicas, esses são considerados lugares ideais para a construção de diferentes conhecimentos (ARAÚJO; SILVA; TERÁN, 2011).

Desta maneira, o turismo pedagógico, sendo esse uma prática educativa, irá promover vivências e aproximações com realidades distintas. Além disso, atinge os objetivos pedagógicos, devolvendo as relações e aspectos emocionais dos educandos. Sua importância se dá na aproximação dos alunos com realidades por vezes desconhecidas com “um instrumento de alfabetização cultural” (SILVEIRA *et al.*, 2008, p.3) de maneira que acarrete a apropriação cultural do local no qual se encontra. Assim, o turismo pedagógico pode ser utilizado como ferramenta de educação ambiental, promovendo diferentes vivências na natureza e possibilitando que os alunos entrem em contato com a comunidade local (PERINOTTO, 2008), compreendendo as necessidades e peculiaridades de cada ambiente, seja ele social ou natural.

Tendo em vista isto, com o presente trabalho, pretendemos desenvolver atividades turístico-pedagógicas com educandos de uma instituição de ensino fundamental 1 da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Desta forma visamos motivar educandos e educadores em um processo de ensino e aprendizagem que gere conhecimento para o educando além de valorização pessoal e cultural.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Área de Estudos

Nós realizamos este trabalho na Região Turística da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Estado do Rio Grande do Sul, e na cidade de Santa Maria (Figura 1). Para a realização deste trabalho selecionamos uma instituição particular de ensino fundamental 1 na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. A região do estudo está inserida em um Ecótono (região de transição entre dois biomas) que contempla os biomas da Mata Atlântica e do Pampa. Neste local, a Mata Atlântica é representada por Floresta Estacional Semidecidual com Escarpas Rochosas (MARCUSOZZO;

PAGEL; CHIAPETTI, 1998). Por sua vez, o bioma Pampa é representado por Campos Sulinos, além de áreas de tensão ecológica, representada por áreas rurais e urbanas (QUADROS; PILLAR, 2002).

O clima na região é representado pelo tipo Cfa de Köppen, apresentando variação pluviométrica anual entre 1.250 e 2.000 mm, tendo média anual de temperatura entre 15 e 18° C (BURIOL *et al.*, 2007). Economicamente a região apresenta atividades agrária de monocultura, com plantações de grãos como arroz, soja e milho, comércio e turismo gastronômico, religioso, rural e ecoturismo.

2.2 Contexto histórico abordado na atividade com os educandos

2.2.1 Quarta Colônia

Após a chegada, no estado, dos primeiros imigrantes vindos da Itália, no ano de 1875, Dom Pedro II, com a colaboração do senador Gaspar da Silveira Martins, visando à defesa das terras da intendência de Santa Maria da Boca do Monte, deu origem a mais uma colônia de imigração italiana no estado, que mais tarde se tornaria o município de Silveira Martins (SILVEIRA MARTINS, 2018). A formação e a constituição da região por imigrantes italianos foram fundamentais para a caracterização cultural, não apenas dos municípios que viriam a se emancipar do município de Silveira Martins, mas também de outros municípios com Santa Maria, que possui até hoje, assim como os demais municípios, fortes características desta cultura em sua gastronomia e dialeto.

Após sua emancipação em 1898, o município de Silveira Martins deu origem aos demais municípios que compõem à Região Turística da Quarta Colônia, são eles: Silveira Martins, Nova Palma, Dona Francisca, Ivorá, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Agudo e Pinhal Grande. Além destes, também compõem a Região Turística da Quarta Colônia, o

município de Restinga Seca, que diferentemente dos demais era parte do município de Cachoeira do Sul (UNIVERSIDADE, 2020).

Atualmente, com exceção dos municípios de Restinga Seca e Agudo com aproximadamente 12 e 16 mil habitantes, respectivamente, os municípios integrantes desta região turística possuem menos de sete mil habitantes, tendo como principal fonte de renda, pequenas propriedades rurais, artesanatos e venda de produtos alimentícios da cultura italiana, além dos turismos de aventura, rural, gastronômico e religioso (IBGE, 2018).

2.2.2 Santa Maria

Santa Maria teve suas demarcações de terra iniciando na década de 1750, de acordo com o estabelecido pelos tratados de Madri (1750) e Santo Idelfonso (1777). No início da década 1800, a cidade recebeu seus primeiros acampamentos, um grupo de portugueses que se alojou onde hoje está localizada a Rua do Acampamento. Além deste, houve, também, o estabelecimento de um grupo de índios da tribo minuano, oriundos das missões jesuítas, este grupo se estabeleceu onde hoje se localiza o Parque Itaimbé (BENADUCE, 2007).

No ano de 1858, a então vila de oito mil habitantes se tornou cidade através de sua emancipação. Em 1890, Santa Maria, agora com 22 mil habitantes, ganhou o que se tornaria um de seus mais importantes atrativos turísticos, o Theatro 13 de Maio, que recebe este nome em homenagem a data da abolição da escravidão no país. O desenvolvimento da cidade se deu a partir do ano de 1900, com a chegada da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (CEVFRGS), de administração da empresa belga Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil, e construção do primeiro conjunto habitacional do estado, a Vila Belga, no ano de 1905 (SANTA MARIA 2018). Este evento tornou a cidade referência, para o estado e país, recebendo viajantes desde Buenos Aires até São Paulo (ROCHA, 2018).

Na década de 1940, o médico José Mariano da Rocha Filho cria na cidade a Faculdade de Farmácia de Santa Maria, primeiro embrião da Universidade Federal de Santa Maria, a UFSM, criada em 1960 (UNIVERSIDADE, 2018). Este marco, posteriormente deu a cidade uma nova alcunha “a de Cidade Cultura ou Cidade Universitária”. Atualmente a cidade com 280 mil habitantes fixos e 40 mil flutuantes possui 13 centros de ensino superior, sendo a UFSM o maior do interior do estado, com aproximadamente 33 mil estudantes.

Atualmente a cidade é economicamente dependente de suas Universidade, do Exército e Aeronáutica, e comércio, com um forte incremento do turismo religioso, basicamente restrito à romaria de Nossa Senhora da Medianeira. Na cidade, assim como em toda a região central do estado, incluindo a região da Quarta Colônia, possui um grande potencial turístico, seja pela gastronomia italiana, forte apelo religioso, paleontológico ou pelo ecoturismo. Entretanto, apesar desde grande potencial turístico, ainda é muito pouco aproveitando, sendo de grande importância o incentivo neste ramo, para que Santa Maria possa ser reconhecida não só por sua antiga ferrovia, sua romaria, exército e aeronáutica e universidades, mas também pelo ecoturismo.

2.3 City tour

Aplicamos o roteiro turístico a alunos de cinco turmas, sendo duas de quarto ano e três de terceiro ano, totalizando 70 alunos. A atividade turística pré-definida foi um city tour panorâmico, em ônibus, com paradas específicas em alguns dos atrativos histórico-culturais e histórico-naturais historicamente mais relevantes da região. As turmas foram agrupadas em dois grupos:

1) dia 1: Grupo de quarto ano - inserido em um roteiro intermunicipal que englobou a Região Turística da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, região Central do estado (Figura 1). Este grupo visitou

cinco das nove cidades da Quarta Colônia com parada em 11 atrativos distribuídos nas seguintes categorias: histórico-cultural (seis), religioso (três) e natural (dois). A atividade teve duração de 10 h, permitindo uma imersão na cultura e história dos colonizadores locais.

Figura 1 - Foto representativa das características biogeográficas presentes na Região da Quarta Colônia. Monumento ao Imigrante, cidade de Silveira Martins, Rio Grande do Sul.



Autor: Nicolás de Souza Brandão de Figueiredo. Data: 19/09/2019.

2) dia 2: Grupo de terceiro ano – inserido em um city tour panorâmico na cidade de Santa Maria (Figura 2), englobando os principais atrativos da cidade, em um total de 20 atrativos visitados, sendo 18 histórico-culturais e dois naturais. Destes, 10 de forma panorâmica e oito com parada para interação dos educandos com os atrativos, totalizando 9 h de atividades que permitiram aos educandos compreender a importância histórica de sua própria cidade, tanto em âmbito regional, nacional quanto internacional.

Figura 2 - Foto representativa da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Praça Saldanha Marinho, ponto de origem histórica da habitação na cidade.



Autoria: Nícolas de Souza Brandão de Figueiredo. Data: 19/09/2019.

3 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a uma crescente nos desastres ambientais associados às práticas humanas, que temos vivenciado nos últimos tempos, como queimadas, desmoronamentos, inundações e o rompimento de barragens, expor aos alunos estas condições se faz de suma importância. Práticas, como as supracitadas, são, exemplos das consequências do modo de vida predatório e explorador da espécie humana. Consequências, estas que trazem associados a elas “níveis alarmantes de poluição do solo, ar e água, destruição da biodiversidade animal e vegetal e ao rápido esgotamento das reservas minerais e demais recursos não renováveis em praticamente

todas as regiões do globo” (MARCATTO, 2002, p. 8). Isto posto, refletir e repensar as atitudes associadas aos hábitos de consumo, modo de vida, padrões de produção são questões fundamentais.

Essas reflexões, como as que proporcionamos aos educandos ao inseri-los em um novo contexto, fazendo com que refletissem sobre a trajetória dos imigrantes da região e como ao longo dos anos modificamos o meio ambiente, devem ser incentivadas nos mais diversos contextos sociais, do mesmo modo, que o ambiente escolar deve proporcionar a exploração e o entendimento de questões relacionadas a compreensão do mundo que cerca os alunos, proporcionando a manutenção da vida no planeta (SATHRES *et al.*, 2006).

A promoção de competências associadas ao pensamento crítico, atitudes reflexivas e tomada de decisão estão associadas a Educação Ambiental (EA) visando a educação para o desenvolvimento sustentável, de maneira a incentivar mudanças sociais (UNESCO, 2017). Assim sendo, atividades como as que realizamos neste trabalho, desenvolvem a capacidade dos alunos de reconhecer seu próprio entorno e as diferentes realidades socioeconômicas local e regional. Desenvolvendo assim, através de atividades educacionais multidisciplinares em espaços não formais de ensino, o conhecimento científico, conscientização ambiental e social, passando à uma valorização humanística e ambiental.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. N.; SILVA, C. C.; TERÁN, A. F. A Floresta Amazônica: um espaço não formal em potencial para o ensino de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8., Campinas, 2011. **Anais [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em: https://ensinodeciencia.webnode.com.br/_files/200000320bebefbfb1/2011_A%20Floresta%20Amaz%C3%B4nica_Um%20Espa%C3%A7o%20N%C3%A3o%20Formal%20em%20Potencial%20para%20o%20Ensino%20de%20Ci%C3%A4ncias.pdf. Acesso em: 1 jan. 2021.

BENADUCE, M. I. V. **Parque Itaimbé – Santa Maria/RS: gênese de um espaço público/privado**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BRAMBATTI, L. E. Avaliação de Roteiros de Turismo Rural: o caso da região Uva e Vinho, Rio Grande do Sul, Brasil. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 45–64. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Políticas de Turismo. **Segmentação do Turismo e o Mercado**. Brasília, DF: MT, 2010. 170 p.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Políticas de Turismo. **Marcos Conceituais**. Brasília, DF: MT, 2015. 56 p.

BURIOL, G. A. et al. Clima e vegetação natural do estado do Rio Grande do Sul segundo o diagrama climático de Walter e Lieth. **Ciência Florestal**, Santa Maria. v. 17, n. 2, p. 91-100. 2007.

COUTINHO, S. F. S.; SILVA, S. E.; SILVA, P. A. Educação Ambiental e sustentabilidade social e ecológica dos lugares turísticos e de lazer. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 251–268. 2014.

FARIA, R. L.; SCHUVARTZ, M. Possibilidades lúdicas em um espaço de educação não formal. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8., Campinas, 2011. **Anais [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viii/enpec/trabalhos.htm. Acesso em: 1 jan. 2021.

HENZ, A. P.; STADUTO, J. A.; PIFFER, M. Desenvolvimento rural sustentável e turismo rural no Brasil: uma relação de interdependência. **Revista Ateliê do Turismo**, Aquidauana, v. 2, n. 1, p. 100-118. 2018.

IBGE. **Brasil em Síntese**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/silveira-martins/historico>. Acesso em: 1 jan. 2021.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **EM EXTENSÃO**, Uberlândia, v. 7, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao%20/article/viewFile/20390/10860>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LIMA, L. P. Q.; DUTRA NETO, L.; HOLANDA, L. A. Programa de Ecoturismo e Educação Ambiental do Projeto TAMAR – Fernando de Noronha: uma análise de 2013 a 2016. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 47-60. 2018.

MARCUZZO, S.; PAGEL, S. M.; CHIAPETTI, M. I. S. **A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul**: situação atual, ações e perspectivas. Consórcio da Mata Atlântica e Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, São Paulo. 1998. 32 p.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental**: conceitos e princípios. Belo Horizonte: FEAM, 2002. 64 p. p. 8.

OLIVEIRA, R. I. R.; GASTA, M. L. A. Educação formal fora da sala de aula: olhares sobre o ensino de ciências utilizando espaços não formais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., Florianópolis, 2009. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/1674.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2021.

PERINOTTO, A. R. C. Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 100-103. 2008.

QUADROS, F. L. F.; PILLAR, V. P. Transições floresta – campo no Rio Grande do Sul. **Fitogeografia do Sul da América**. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, v. 24, p. 109-118, 2002.

RIBEIRO, M.A. A espetacularização da natureza no Pantanal. **Interações**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 803-812. 2018.

ROCHA, R. **O Conjunto operário da Vila Belga em Santa Maria (RS)**. 2018. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t6_conjunto_operario.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

SANTA MARIA. **Carta de Santa Maria**. 1998. Disponível em: http://www.institutobrasilrural.org.br/download/L2_CARTA_SANTA_MARIA.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

SANTA MARIA. **Aspectos históricos da Estação Férrea de Santa Maria**. 2018. Disponível em: http://www.santamaria.rs.gov.br/docs/152anos_sm_gare.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

SATHRES, S. M. et al. **O ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental: um viés para o exercício da interdisciplinaridade**. 2006. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/O%20ENSINO%20DE%20CINCINAS%20NOS%20ANOS%20INICIAIS%20DO%20ENSINO%20FUNDAMENT%C3%A0.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVEIRA, Cibele Rossana Funck Donto et al. Turismo pedagógico em Dourado/MS: uma atividade educacional. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL*, 5., 2008, Caxias do Sul. **Anais ...** Caxias do Sul: UCS, 2008. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/semin_tur/trabalhos/arquivos/gt13-12.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVEIRA MARTINS. **A história de Silveira Martins**. 2018. Disponível em: <https://silveiramartins.rs.gov.br/municipio/historia>. Acesso em: 10 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. 2018. **Mariano da Rocha: vida e obra**. 2018. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/marianodarocha/index.php/vida-e-obra>. Acesso em: 10 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Geoparque da Quarta Colônia**. 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/geoparque-quarta-colonia/>. Acesso em: 1 jan. 2021.

UNESCO. **Unescodoc**. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000252197/PDF/252197por.pdf.multi>. Acesso em: 1 jan. 2021.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, Lucia; DIAS, Monique. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 4, p. 21-23, dez. 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2021.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **UNWTO Tourism Definitions**. Madrid: UNWTO, 2019. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.18111/9789284420858>. Acesso em: 1 jan. 2021.

Texto submetido em 22.01.2021.
Aceito para publicação em 10.04.2021.